

:: **Para não esquecer** - série Crônicas de Memória - Para não esquecer; artigo publicado em 10/03/2014, edição 278 do Jornal da PUC



Cinelândia: Passeata dos 100 mil. 26 de junho de 1968.
Fotógrafo: José Inácio Parente. Acervo José Inácio Parente.

Há lembranças que são dolorosas. Muitas vezes essa rememoração triste diz respeito, precisamente, ao que não deve ser esquecido. É o caso dos 21 anos que se seguiram ao golpe civil-militar que, há 50 anos, instaurou uma ditadura no Brasil. Com ela, não apenas a liberdade e a cidadania foram cerceadas, mas muitas vidas foram ceifadas, muitos corpos foram torturados, muitos sonhos foram truncados.

Em 2014 somos convidados a uma comemoração às avessas que aponta para a necessidade de viver o luto pelo que de arbítrio, violência e morte marcou o país há 50 anos. Serão inúmeras as oportunidades para refletir sobre os anos que se seguiram àquele 31 de março de 1964. Os livros sobre o tema já se multiplicam nas livrarias, assim como exposições, congressos, documentários, debates e iniciativas para fazer da justiça uma forma de redenção, tardia mas imprescindível, dessa memória sombria.

A foto escolhida para abrir essa série de crônicas de memória não é apenas um flagrante colhido pelo olhar sensível de José Inácio Parente, então estudante de psicologia da PUC-Rio, durante a passeata dos 100 mil. Ela é também o registro de uma utopia. Sobre a faixa que aparece no centro da fotografia alguém escreveu em letras garrafais: “PUC: TERRITÓRIO LIVRE”, mesmo sabendo que não podem existir territórios livres em um país sem liberdade.

Por dentro do campus da PUC-Rio passavam então – tal como passam hoje – todos os conflitos, todas as tensões, todas as contradições da sociedade, porque a Universidade não era – e não é – um planeta a parte. Mas isso não impediu então - como não impede hoje - que o

desejo e o sonho encontrassem formas de expressão.

Com os poucos registros desses tempos difíceis que existem no seu acervo, o Núcleo de Memória pretende escrever, em 2014, uma série de crônicas sobre a PUC-Rio durante os anos da ditadura. Para não esquecer. Por dever de justiça para com o passado e por acreditar no direito à esperança no presente e no futuro.

Margarida de Souza Neves
Núcleo de Memória da PUC-Rio